



## **BLINDADOS SOBRE RODAS “MADE IN BRAZIL” NO HAITI**



**Exedito Carlos Stephani Bastos**  
Pesquisador de Assuntos Militares da  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
[exedito@editora.ufjf.br](mailto:exedito@editora.ufjf.br)

Dentre os diversos modelos de veículos blindados sobre rodas, empregados pelas **Forças da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (MINUSTAH)**, dois modelos chamam a atenção, empregados por três países Brasil, Uruguai e Jordânia.

Os veículos em questão foram fabricados no Brasil pela extinta **ENGESA – Engenheiros Especializados S/A** nos anos 80 e início dos 90. Trata-se dos blindados sobre rodas 4x4 **EE-3 Jararaca** e 6x6 **EE-11 Urutu**, este último aparece em duas versões, modelo nacional e de exportação.

Mesmo tratando-se de veículos mais antigos, eles estão dando conta do recado, não ficando em nada a dever aos modelos russos, alemães, franceses, sul-africanos e americanos que lá se encontram em operação pelos demais países que compõem o conjunto liderado pelo Brasil.

As Forças Brasileiras operam atualmente 19 blindados **EE-11Urutu**, sendo um na versão ambulância, e a um outro foi acoplado uma lâmina do tipo “buldozzer” que possibilita a remoção de obstáculos colocados pelos grupos rebeldes locais na obstrução de ruas, sendo estes os únicos no Exército Brasileiro. Este último foi apelidado de “bigode”, dado o formato da lâmina na sua parte frontal. Os demais continuam como transportes de tropas convencionais, armados com uma metralhadora MAG 7,62mm na torreta que recebeu uma proteção lateral e frontal feita localmente, por uma empresa Haitiana, em chapas de aço para proteção do atirador. Como proteção a mais em sua parte superior, ao redor das quatro escotilhas, usa-se sacos de areia, uma improvisação, comum desde os tempos da segunda guerra mundial, como forma de aumentar a proteção da tropa e do próprio veículo.

Todos os Urutus brasileiros sofreram um repotenciamento, tornando-os praticamente iguais, num trabalho que vem sendo feito desde 2001 no Arsenal de Guerra de São Paulo, num trabalho que só está sendo possível por tratar-se de um produto inteiramente nacional e realizado por empresas que empregam os antigos funcionários da extinta Engesa.



**EE-11 Urutu em patrulha de rua e em comboio em Porto Príncipe, capital do Haiti. (Fotos: CComSEx)**



**EE-11 Urutu com escotilhas abertas visto de cima de uma edificação e já com os sacos de areia ao redor das escotilhas. (Fotos: CComSEx)**

Na verdade nem todos os veículos estão operacionais, alguns já estão parados devido ao grande desgaste que a missão tem causado, muito superior ao seu uso no Brasil, e em breve retornarão para uma nova revitalização, sendo substituídos por outros.



**Dois momentos cruciais nas operações, atolamento e obstáculos nas ruas. Notar no veículo da direita as proteções lateral e frontal da torreta com metralhadora, bem acima do escapamento e logo atrás os sacos de areia. (Fotos: CComSEx)**



Detalhe do “bigode” removendo obstáculos e os sacos de areia na parte traseira do veículo servindo de anteparo para as escotilhas. (Fotos: CComSEx)

Os Urutus empregados pela Jordânia são os últimos modelos de série produzidos. Eles diferenciam dos nossos por possuírem motor diesel Detroit 6V53 em lugar do Mercedes-Benz OM 352 A, ambos turbo. Possuem ainda redutor planetário nas seis rodas, fáceis de identificar pois o cubo central é grande e o pneu bem mais largo. Fazem parte do lote de 82 veículos vendidos em 1986, sendo 4 ambulâncias, 4 de recuperação e 74 transporte de tropas.



EE-11 Urutu Jordanianos em missão de patrulhamento. Notar os cubos de roda e o pneu. (Fotos: CComSEx)



Urutu Jordaniano removendo obstáculo. Notar a torreta diferente da versão brasileira. (Foto: Agência Reuters)



Outro veículo de fabricação brasileira operado pelas tropas do Uruguai é o EE-3 Jararaca, um blindado de reconhecimento 4x4, não usado no Brasil, mas em operação naquele país, que adquiriu 16 unidades nos anos 80. Eles receberam uma proteção atrás da torreta da metralhadora .50, e nas suas laterais, em aço e concreto, ao que parece também feito localmente.



Três EE-3 Jararaca do Uruguai operando no Haiti. Notar as proteções lateral e traseira ao redor da torreta da metralhadora. (Foto: Sgt. Presoto)

Projetado para substituir as viaturas Jipe ¼ tonelada nas unidades mecanizadas, ele não despertou a atenção do Exército Brasileiro e toda a sua produção foi para exportação. Dois se encontram em poder do Exército, mas vieram da massa falida da Engesa e não estão operacionais. É um veículo que pode ser usado em operações policiais, dadas as suas dimensões, que muito ajuda em patrulhas urbanas, o que mais se tem feito no Haiti.

O curioso de tudo isto é que passado quinze anos desde o fechamento definitivo da empresa que os produziu seriadamente, eles estão em plena atividade, no Brasil e exterior. Seus conceitos ainda são relativamente modernos para os dias atuais, lembrando apenas que não sobreviveriam a um conflito como o do Iraque, mas podem muito bem atuar como veículos policiais dentro da nossa realidade que em algumas de nossas grandes cidades lembram em muito o Haiti.

Eles são os símbolos de uma época em que possuíamos capacidade de criar e produzir nossos próprios veículos blindados suprindo nossas necessidades e aumentando a nossa balança comercial em exportações. Possuíamos projetos que poderiam muito bem substituí-los, mas que simplesmente foram deixados de lado e sucateados, como fizeram com a própria empresa.

Hoje estão chegando ao final de sua vida útil, e sem um substituto nacional, será que vamos voltar a importá-los; e pior, corremos o risco de trazer veículos de segunda mão pela falta de visão estratégica e a eterna falta de recursos...



**EE-11 Urutu do Exército Brasileiro em frente ao Palácio Presidencial em Porto Príncipe, no Haiti. (Foto AP)**

---